

**A ATEMPORALIDADE DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ARQUITETO
LUCIO COSTA: O PAPEL DO PRECEDENTE NA SUA CONCEPÇÃO
ARQUITETÔNICA¹**

*The atemporality of the architect Lucio Costa creative process: the role of precedent
in his architectural conception*

ALVES, Taís Peixoto²; & RIOS, Cauê Martins³

Resumo

O presente artigo tem como finalidade interpretar, criticamente, a obra escrita publicada do arquiteto Lucio Costa e investigar, como foco principal, o papel crucial que o precedente assume em sua concepção. Neste contexto, o artigo pretende demonstrar que o processo projetual de Lucio Costa é atemporal, podendo ser melhor investigado e aplicado na contemporaneidade. Para complementar as constatações, fez-se necessário analisar um dos projetos de sua autoria que continha memorial descritivo, cujo escolhido foi o Parque Guinle, objetivando reconhecer a indissociabilidade entre pensamento e prática projetual em Lucio Costa. Seu trabalho escrito publicado é reconhecido por vários autores como de grande importância no contexto da inserção da arquitetura moderna no Brasil. Dessa maneira, seus textos tornaram-se um marco de fundamentação teórica para a prática projetual e influenciaram diversos arquitetos que atuaram no período compreendido, aproximadamente, entre as décadas de 30 e 60, no país.

Abstract

This paper aims to interpret, critically, the published written work of the architect Lucio Costa and investigate, as main focus, the crucial role that the precedent assumes in its conception. In this context, the article intends to demonstrate that Lucio Costa's projectual process is atemporal, and can be better investigated and applied to contemporaneity. To complement the findings, it was necessary to analyze one of the projects of his authorship that contained a descriptive memorial, which was chosen for Parque Guinle, aiming to recognize the inseparability between thought and projectual practice in Lucio Costa. His published written work is recognized by several authors as being of great importance in the context of the insertion of modern architecture in Brazil. His texts became a landmark of theoretical foundation for design practice and influenced many architects who worked in the period between approximately the 1930s and 1960s in Brazil.

Palavras-chave: *arquitetura, Lucio Costa, processo de criação, precedente, história.*

Key-words: *architecture, Lucio Costa, creation process, precedent, history.*

Data de submissão: junho de 2022 | **Data de publicação:** setembro de 2022

¹ Acknowledgments: Cauê Martins Rios was supported by the doctoral Grant PRT/BD/154264/2022 financed by Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT), under MIT Portugal Program.

² TAÍS PEIXOTO ALVES - Universidade Federal de Santa Maria. BRASIL. Email: taispeixotoalves@hotmail.com

³ CAUÊ MARTINS RIOS - CITTA - Research Centre for the Territory, Transports and Environment, Faculty of Engineering, University of Porto. PORTUGAL. Email: cauerios@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O campo de estudo do presente artigo situa-se no âmbito dos escritos publicados pelo arquiteto e urbanista Lucio Costa (1902-1998), submetidos a uma leitura crítica que delimitará progressivamente o recorte temático o qual se refere ao papel do precedente na concepção arquitetônica de Lucio Costa.

A relevância da obra escrita do mestre brasileiro é amplamente reconhecida e sua escolha como objeto de estudo dispensa comentários. Interessou desde o início a esta investigação a notável repercussão da fundamentação teórica nela proposta para a prática da arquitetura moderna no Brasil, a qual influenciou gerações de estudantes e profissionais de arquitetura, particularmente no momento pioneiro das primeiras realizações, marcadas por profundas incertezas e transformações na sociedade e na produção arquitetônica.

O conjunto de artigos sobre a arquitetura moderna legado por Lucio Costa tornou-se um marco no desenvolvimento do Movimento Moderno em terras brasileiras e consolidou sua posição como líder intelectual da introdução e afirmação da nova arquitetura (como então se dizia) no Brasil. Em seus escritos assume um papel singular e diferenciador a constante menção à tradição erudita e à tradição popular, apresentadas como parte de um mesmo fenômeno histórico.

Lucio Costa reverencia o protagonismo, na produção arquitetônica, de precedentes advindos de qualquer uma dessas tradições, no sentido de criar elos e, assim, auxiliar harmoniosamente as transformações que estavam por vir. Tudo isso, sem rupturas drásticas, sem deixar de valorizar o que o homem do passado conquistou e que pode ser reaproveitado. O processo projetual de Costa, a ser refletido neste artigo, conectando sua teoria com sua prática, demonstra um conhecimento atemporal, podendo inspirar e influenciar a inexorável evolução da arquitetura.

CONTEXTO: O PAPEL SINGULAR DE LUCIO COSTA

Lucio Costa (1902-1998), arquiteto e urbanista, formou-se em 1922, na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Nascido na França, mas filho de pais brasileiros foi educado na Europa até completar quatorze anos de idade, quando retornou ao Brasil. Sua formação acadêmica foi desenvolvida nos moldes da École desBeaux-Arts de Paris, fato que se refletiu inicialmente em sua carreira.

Desta maneira, observa-se que Costa teve uma formação clássica, dentro dos moldes da École desBeaux-Arts, adotando como leitura obrigatória o livro de JulienGuadet (1834-1908), professor e teórico da mesma escola, que escreveu, em quatro volumes, a obra intitulada *Éléments et Théories de l'Architecture*. Tais constatações levantam pistas importantes quanto à sua proposta de reforma do ensino na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), no Rio de Janeiro. O texto cujo título é denominado "ENBA", escrito em 1931, ocasião em que foi convidado para dirigi-la, demonstra ser a sua primeira publicação que realmente tem como foco, em seu conteúdo, uma abordagem que conecta a importância que Costa dava ao estudo do precedente, mencionando a tradição erudita e a tradição popular no contexto da arquitetura evidenciado por meio de argumentos que marcam a sua preocupação em conhecer profundamente ambas as tradições.

Por conseguinte, afirma, no referido texto, que o aluno de arquitetura deve aprender com os antigos aquilo que é perene no que tange à disciplina arquitetura - suas regras de composição provenientes de uma tradição erudita e seus elementos ainda válidos para serem aplicados no presente, oriundos de uma tradição popular. Todas essas considerações de Costa, com relação ao papel do precedente na sua concepção, devem estar relacionadas a uma "intenção plástica" que demonstre uma "verdade construtiva", livre de adornos superficiais e adequadamente inserida ao meio e que represente a época que lhe pertence.

Portanto, a visão de Costa sobre o papel do precedente reflete em parte algumas influências do mestre Guadet, ou seja, no que se refere à busca dos grandes exemplos da história da arquitetura, com o objetivo de deles extrair leis e princípios compositivos, na aceitação da nomenclatura relativa às regras de composição, elementos de arquitetura e elementos de composição, e suas respectivas finalidades nas partes que conforma o todo de um projeto em que tais soluções advêm do estudo do precedente. Porém, com relação

ao ensino da École, propagado pelo mestre Guadet no sentido de buscar, no precedente, elementos de arquitetura para uma aplicação meramente decorativa que desencadeou no estilo chamado eclético, Costa o refuta, pois para ele os elementos de arquitetura devem exercer uma função real de ser.

Porém, tal postura adotada, a partir da década de 30, vem em oposição à que ele mesmo vinha realizando, assim como a grande maioria dos arquitetos naquele período. Nesse sentido, desenvolviam projetos baseados nos estilos históricos provenientes do Ecletismo e do Neocolonial.

Costa rompe com essa postura projetual e começa a traçar ideias ligadas ao modernismo. Lucio Costa, portanto, começa com um discurso de renovação da arquitetura com a publicação do texto “Razões da Nova Arquitetura”, em 1934. Nesse texto, Costa argumenta que aquele era um momento de suma importância, o qual estaria conectado diretamente à nova era que se iniciava em função da revolução industrial e que o segredo da nova arquitetura estaria, precisamente, no entendimento do sistema de estrutura independente. Tal constatação propunha a todos os arquitetos uma revisão de seus conceitos, salientando que estaria por vir um período de grandes transformações, de evolução e não de ruptura.

Sendo assim, afirma novamente a importância do passado como fonte de conhecimento naquilo que sustenta e viabiliza a disciplina arquitetura: “Porque, se as formas variaram – o espírito ainda é o mesmo, e permanecem fundamentais, as mesmas leis” (COSTA, 1995, p. 116). O texto “Razões da Nova Arquitetura”, em que o foco de Costa está em menções à tradição erudita, tornou-se um marco que acabou por fundamentar teoricamente as alterações pelas quais sofreu a produção arquitetônica no Brasil, em especial, sua própria obra, no sentido de viabilizar mudanças com relação às posturas anteriormente utilizadas por expressiva parte dos arquitetos, principalmente no papel crucial que o precedente vai ter em sua concepção tanto teórica quanto demonstrada em seu processo de criação.

No livro “Lucio Costa: sobre arquitetura”, Edgar Graeff faz um importante relato na nota introdutória, cuja primeira edição foi publicada em 1962. Graeff comenta a importância do trabalho escrito de Costa, ressaltando o seu pensamento, ao afirmar que o mesmo é atemporal e fundamental de ser lido e analisado em qualquer época, uma valiosa lição de arquitetura. Conforme suas próprias palavras:

quando, depois de 30 anos, voltamos a ler “Razões da Nova Arquitetura”, encontramos uma explicação para essa persistência: a dialética de Lucio Costa não se cristaliza numa conclusão. Seu pensamento não persegue uma regra, uma norma, uma lei ou uma fórmula. É um pensamento vivo, que transporta germes de novos pensamentos. A equação que ele parece fechar numa resposta suscita dez outras questões. A sua idéia não é como o marco de pedra – é como a fonte: ocupa um lugar no espaço, constitui apoio, norteia, mas flui no tempo. Não absorve – irradia. Renova-se na inteligência de quem a toca. Daí, certamente, a perene atualidade da obra de Lucio Costa. Esta coletânea, por isso mesmo, nada tem de um documentário do passado. Ela nos é oferecida como instrumento vivo de interpretação do presente e construção do futuro. (GRAEFF, 2007:6-7)

As opiniões que Graeff expressa sobre o papel de Costa no contexto arquitetônico, remete-nos à figura de um grande mestre da arquitetura. Assim, independente de tempo, o seu pensamento continuará perene, registrado em seu trabalho escrito e em seus projetos e obras arquitetônicas construídas, através de um profundo conhecimento teórico em que seus argumentos que embasam o seu processo de criação, podendo ser estudado e aplicado em qualquer época, levando em consideração, é claro, o contexto social, cultural e tecnologias da atualidade.

Costa afirma ter estudado as obras mais atuais daquele período, como as de Walter Gropius, Mies van der Rohe e, em especial, a doutrina e obra de Le Corbusier. Porém, observa-se que a influência concreta da doutrina de Le Corbusier deu-se com a visita do mesmo a convite de Costa para orientar a equipe brasileira no projeto do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), atual Palácio Capanema, no Rio de Janeiro. Baseando-se no risco original de Le Corbusier realizado para outro terreno, a consolidação deste projeto marcou a inserção da nova arquitetura no Brasil e no panorama internacional, com a construção do edifício sede do MESP.

Todo o desenvolvimento do projeto, iniciado em 1936, e somente inaugurado em 1945, incluindo detalhes construtivos e acompanhamento da execução da obra, foi realizado pela equipe de arquitetos brasileiros que, unidos a Lucio Costa, não mais consultaram Le Corbusier. Costa diz que o que não pôde ser feito na reforma proposta para a Escola Nacional de Belas Artes foi concretizado no projeto e execução do Ministério da Educação e Saúde Pública.

Outro texto apontado como de fundamental importância na década de trinta foi “Documentação Necessária”, escrito em 1937, o qual aborda a arquitetura de tradição popular colonial, afirmando que nos interessa conhecer melhor a arquitetura popular em

Portugal, em maior grau do que a sua arquitetura erudita, pois é na primeira que se encontra a arquitetura simples, sob a forma das raízes da arquitetura colonial brasileira.

Neste texto, Costa estabelece uma série de relações entre a arquitetura de tradição popular em Portugal e sua influência no Brasil colonial, apresentando uma fundamental relação entre a técnica construtiva de pau-a-pique, presente mais em terrenos acidentados, como nos estados brasileiros de Minas Gerais e Rio de Janeiro, que se constitui em uma estrutura independente das vedações e que proporciona certo afastamento do chão. Consegue, ainda, vislumbrar uma associação direta com a nova tecnologia proporcionada pelo concreto armado, ou seja, estrutura independente e pilotis. Aborda, inclusive, que essa associação foi proposta para o projeto em Monlevade, de 1934:

aliás, o engenhoso processo de que são feitas – barro armado com madeira – tem qualquer coisa do nosso concreto-armado e, com as devidas cautelas, afastando-se o piso do terreno e caiando-se convenientemente as paredes para evitar-se a umidade e o “barbeiro”, deveria ser adotado para casas de verão e construções econômicas de um modo geral. Foi o que procuramos fazer para a vila operária de Monlevade, perto de Sabará, a convite da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira – não tendo sido o projeto levado a sério, já se vê. (COSTA, 1995, p. 458-459)

No texto “SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)”, Costa afirma que todo o processo de transformação desencadeado pela arquitetura moderna foi alicerçado na renovação de elementos considerados ainda pertinentes, advindos da tradição popular, sendo tal fato uma preocupação constante entre todos os envolvidos “no Brasil, tanto em 22 como em 36, os empenhados na renovação foram os mesmos empenhados na ‘preservação’, quando alhures, na época, eram pessoas de formação antagonica e se contrapunham” (COSTA, 1995, p. 437).

Observa-se, portanto, que todo o conhecimento adquirido em seu trabalho pelo SPHAN foi considerado imprescindível para a fundamentação de sua teoria e prática projetual. A partir de seu interesse em estudar e analisar criticamente o precedente com relação aos elementos de arquitetura e de composição, considerados por Costa expressivamente relevantes, bem como sua associação, concebida a partir das técnicas tradicionais populares, às técnicas do concreto armado.

PARQUE GUINLE: TEORIA E PRÁTICA INDISSOCIÁVEIS

O texto intitulado “Parque Guinle”, escrito nos anos 40, trata da memória desse projeto, presente no livro “Registro de uma Vivência” de autoria de Lucio Costa. A apresentação desse texto tem como objetivo proporcionar elementos que possibilitem uma análise, a fim de que se verifique a contundência percebida nas menções de Costa ao papel do precedente na criação da nova arquitetura e seu reflexo na sua prática projetual, demonstrando a indissociabilidade com seu discurso teórico.

O Parque Guinle, construído pela iniciativa de Cesar Guinle, foi o primeiro conjunto residencial de apartamentos para a classe alta do Rio de Janeiro em que se adotou, também de forma inovadora, em se tratando deste tipo de obra, um dos mais marcantes princípios de Le Corbusier – os pilotis, em outras palavras, deixar o andar térreo vazado, solução esta, a primeira a ser utilizada em uma edificação de uso residencial no Brasil, mas que com o passar dos anos acabou por se tornar usual na cidade do Rio de Janeiro e outras pelo país, conforme Figura 1.

Figura 1: Croquis de implantação proposta inicialmente por Lucio Costa.



Fonte: Costa, 1995.

O projeto original de Lucio Costa para o Parque Eduardo Guinle previa a construção de seis edifícios, dos quais apenas três foram executados: o edifício Nova Cintra, Bristol e Caledônia. Os edifícios Bristol e Caledônia possuem uma orientação desfavorável, voltados para o poente; para proteger essas fachadas, Costa alterna brise-soleil e cobogó, apresentando internamente uma sequência de loggias.

No edifício Nova Cintra, por se encontrar ligado pela Rua Gago Coutinho mais à cidade que ao parque propriamente dito, apresenta galerias comerciais no térreo. Sua orientação solar é norte-sul, possuindo uma fachada inteiramente envidraçada. Os três edifícios possuem plantas de apartamentos similares, variando seus tamanhos e tipologias (simples e duplex). Em sua proposta, nota-se a preocupação com a preservação da mansão da família Guinle, assim como com o parque projetado em 1916 pelo paisagista Cochet. O texto a seguir atesta isso:

aconselhei então uma arquitetura contemporânea que se adaptasse mais ao parque do que à mansão, e que os prédios alongados, de seis andares, fossem soltos do chão e dispusessem de “loggias” em toda a extensão das fachadas, com vários tipos de quebra-sol, já que davam para o poente. Foi o primeiro conjunto de prédios construídos sobre pilotis e o prenúncio das superquadras de Brasília. (COSTA, 1995, p. 205)

A postura projetual de Costa, ao implantar o conjunto residencial Parque Guinle, partindo do princípio de criar edificações que contrastassem com a mansão existente no local, valoriza tanto o passado quanto o presente, caracterizado por novas formas plásticas resultantes da nova tecnologia. E, nesse aspecto, tal postura projetual torna-se consistente.

Os escritos de Costa fazem referências a elementos de composição, ou seja, a articulação dos volumes internos das edificações da tradição popular brasileira do período colonial. E ao observar a solução do Parque Guinle verifica-se que Costa coloca-o em prática. Isso significa que nem sempre Costa vai reinterpretar apenas soluções técnicas ou materiais empregados no passado, embora no Parque Guinle, Costa também retoma e reinterpreta o uso tradicional de cobogós, conforme Figura 2.

Figura 2: Composição da fachada com introdução de cobogós.



Fonte: Costa, 1995.

Comas, ao analisar o projeto do Parque Guinle, faz menção aos precedentes observados nesse projeto, advindos da tradição erudita e popular:

na fachada para a rua, ao longo de gabinetes, salas ou dormitórios, os vidros fixos dos peitoris das janelas de guilhotina descem até o piso, com a face interna pintada num bonito azul mais sobre o cobalto, outra reminiscência colonial. As paredes se revestem de pedra e se perfuram por uma fileira vertical de janelas quadradas que correspondem aos banheiros nos extremos da faixa intermediária da planta. Na fachada para o parque, a galeria em cada ponta, corresponde a três dependências do setor íntimo, se protege com painéis de elementos vazados de concreto no segundo andar e de cerâmica nos demais. Os painéis extremos são interrompidos por abertura central quadrada cujo marco é vestígio de janela e anteparo para apoiar-se e desfrutar a paisagem. O cobogó de Luis Nunes no Reservatório d'Água de Olinda ganha foros de muxarabi. Os três módulos de serviço adjacentes se protegem com elementos vazados de concreto maiores no segundo andar e com ripas verticais de cimento amianto pintadas nos demais, rigidizadas por peça horizontal à altura do parapeito. Entre as duas caixas de escada, alternam-se verticalmente ripas de cimento amianto diante das áreas de serviço e painéis de elementos vazados diante das galerias do setor íntimo. A malha branca e quadrada que emoldura os painéis e suas aberturas não deixa de manifestar empatia com o Terragni da Casa delFascio e da Casa Rustici, ou, mais próximo, com o Rino Levi do Instituto de Filosofia. O colorido pastel e o jogo de texturas rendilhadas animam as galerias que o clima propicia e a orientação reclama. (COMAS, 2002, p. 276)

Ao analisar a citação de Comas, percebe-se a variedade de referências que esse autor aponta como os possíveis precedentes em que Costa possa ter baseado sua proposta e que vão além da mera influência de LeCorbusier. Ressalta-se, também, a reinterpretação que Costa faz do uso dos cobogós e muxarabis advindos da tradição popular colonial portuguesa, mencionados por ele em vários textos de sua autoria. Esse pensamento possibilita atestar novamente que na concepçãoarquitetônica de Costa, o papel do precedente se torna fundamental e indissociável da sua teoria.

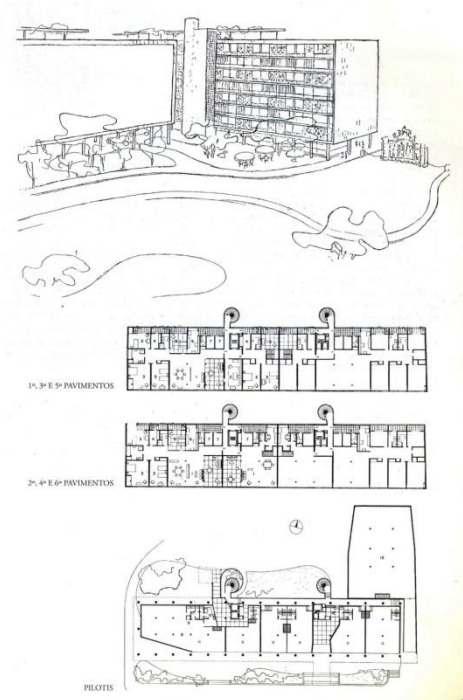
Sua experiência no SPHAN, seus levantamentos e estudos minuciosos realizados por suas viagens por todo o Brasil, auxiliaram-no a compreender a evolução da casa brasileira desde o período colonial até a contemporaneidade. Observa-se, portanto, influências evolucionistas na estruturação de sua teoria e prática projetual, por exemplo, quando se analisa o memorial descritivo do Parque Guinle, em que Costa aborda todas as fases da evolução da casa brasileira e reinterpreta-as para aplicá-las no projeto em questão.

Nesse projeto, segundo Costa, houve outra intenção expressiva, a qual não foi reconhecida por seus usuários: buscar no precedente advindo da tradição popular colonial portuguesa, referente à configuração das plantas das casas brasileiras tradicionais, características que foram reaproveitadas como o uso das duas varandas, a social e a caseira, destinando-se a varanda social, localizada na frente, a receber as pessoas, e a varanda caseira, relacionada ao uso íntimo da casa, aos fundos, conectada à sala de jantar, aos dormitórios e ao serviço.

foi a essência deste esquema tradicional que se pretendeu reviver nos apartamentos do Parque Guinle: uma espécie de jardim de inverno, contíguo à sala de estar e um cômodo sem destino específico, ligado aos quartos e ao serviço; um mais formal e outro mais à vontade, correspondendo assim à varanda caseira. Mas os corretores não souberam vender a ideia, e assim a oportunidade de recuperar esse partido ainda válido, e restabelecer o vínculo, se perdeu. (COSTA, 1995, p. 212)

Analisando criticamente a proposta do Parque Guinle, percebe-se que o mesmo reinterpreta a montagem das plantas das casas tradicionais brasileiras, conforme Figura 3. O texto sobre esse projeto aborda a evolução histórica do precedente advindo da tradição popular de colonização portuguesa, demonstrando que seus projetos sempre apresentam fundamentos teóricos consistentes. Novamente, Costa, em sua prática projetual, faz referências ao precedente, quando faz reviver, na montagem das plantas, elementos de composição, como a utilização das varandas (social e caseira) e de elementos de arquitetura, como os cobogós e muxarabis, destacando ambas as soluções como advindas de uma tradição popular colonial portuguesa. Também, presenciaram-se soluções projetuais advindas de uma tradição erudita a partir de regras de composição, como a utilização de sistemas de modulação (para estruturar pilares, paredes e aberturas), esquemas de escala e proporção adequadas ao uso residencial, sistemas claros de tripartição de volumes (base permeável dada pelos pilotis, corpo definindo volume maior e coroamento pela platibanda). Tudo inserido na nova tecnologia do concreto armado.

Figura 3: Organização espacial proposta através das plantas baixa.



Fonte: Costa, 1995.

Observa-se, portanto, que Costa, ao colocar em prática sua teoria, enfatiza que o precedente tem como uma das possíveis razões conectar passado e presente, permitindo que as mudanças para a arquitetura moderna ocorram naturalmente, além de unir posições antagônicas presentes nesse contexto e defender a inserção dessa arquitetura no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A atemporalidade do processo de criação de Lucio Costa

A adoção de ambas as tradições, erudita e popular, está no fato de que, para Costa, o precedente parece ser um material fundamental de pesquisa teórica e crítica, com a finalidade de servir como subsídio à criação arquitetônica tendo, como meta, alcançar a excelência, seja qual for a época de atuação. Ou seja, nesse caso, parece que o pensamento de Costa sobre o papel do precedente relaciona-se com seus ideais arquitetônicos naquilo que concerne a valores perenes, com relação à ‘disciplina arquitetura’, e voltado tão somente para a busca da qualificação da mesma.

A opinião que Graeff expressa no livro “Lucio Costa: sobre arquitetura”, na nota introdutória, sobre o papel de Costa no contexto arquitetônico brasileiro, ressaltando a

importância de estudar tanto seus escritos quanto suas obras arquitetônicas, em que nestes documentos encontrar-se-ão suas ideias e que elas permanecerão perenes e seu processo de criação é atemporal podendo ser aplicado em qualquer época. Para tanto, o arquiteto deverá ter argumentos sólidos na escolha dos precedentes para inspirar sua criação e o projeto a ser desenvolvido deverá estar conectado ao contexto sócio-cultural e tecnológico de sua era.

O presente projeto, aqui analisado sucintamente, do Parque Guinle, é apenas um exemplo que sua teoria é indissociável de sua prática projetual e que ela foi fundamentada em precedentes tanto advindos da tradição erudita quanto da tradição popular colonial portuguesa, pois as suas demais obras, mantém este mesmo raciocínio no seu processo criativo, tais como: Vila Operária em Monlevade, Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), Plano Piloto de Brasília, entre outras. Assim, independente de tempo, o pensamento de Costa continuará perene, registrado em seu trabalho escrito e em seus projetos e obras arquitetônicas construídas, através de um profundo conhecimento teórico em que seus argumentos racionalmente concebidos permeiam entre razão e emoção, dualidades e pólos opostos presentes em qualquer época e, em especial, na visão de Costa.

Segundo Maria Elisa Costa, em seu depoimento no livro “O Risco: uma utopia moderna”, para Costa o tempo inexistente, é um só: o fato de Costa valorizar o passado, não significava ser saudosista, significava fazer elos, conexões, extrair conhecimentos para poder evoluir. Por esse motivo, sua teoria analisada e refletida em sua prática projetual, quanto às suas razões que o levam a valorizar a tradição dando-lhe um papel fundamental ao precedente em sua concepção arquitetônica, tornam-se extremamente relevantes devido à singularidade de Costa, especificamente com relação a essa temática.

O repertório internacional da arquitetura foi, assim, por ele adaptado no Brasil às condições histórico-sociais de um país que iniciava seu processo de industrialização. A partir dessa nova visão, introduzida através do trabalho de Lucio Costa, viabilizou-se um incentivo às novas gerações de arquitetos brasileiros, no sentido de compreender melhor a realidade do país e identificar as responsabilidades profissionais e sociais decorrentes. E é precisamente esse o diferencial de Costa, a partir de sua influência sobre uma geração de arquitetos, entre os quais muitos se afastaram do estudo do precedente como princípio teórico para a fundamentação prática, associado às suas várias e importantes contribuições nesses aspectos, que o presente artigo salienta a sua atemporalidade no quesito relacionado ao seu processo de criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Taís Maria Peixoto (2011). *Razões da Tradição: o papel do precedente na concepçãoarquitetônica de Lucio Costa*. Porto Alegre. 316p. Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COMAS, Carlos Eduardo Dias (2002). *Precisões brasileiras sobre um passado da arquitetura e urbanismo modernos a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, AffonsoReidy, Jorge Moreira & cia., 1936-45*. Tese de doutorado. Paris: Université de Paris VIII.

COSTA, Lucio (1995). *Lucio Costa: Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, (2a ed.), 608 p: ilustrado.

GRAEFF, Edgar (2007). Nota Introdutória. In: XAVIER, Alberto (Org.); CANNEZ, Anna Paula (Coord.). *Lucio Costa: sobre arquitetura*. Porto Alegre: UniRitter Ed.

GUADET, Julien (1909?). *Élémentssetthéorie de l'architecture:coursprofessé à l'Écolenationaleetspéciale des beaux-arts*. 4. éd. Paris: Librairie de laConstructionModerne. [4 v.]: il. p.75-95.

WISNIK, Guilherme. (2003), (Org.). Segundo Maria Elisa Costa, em seu depoimento. *O risco: Lucio Costa e a utopia moderna: depoimentos do filme de Geraldo Motta Filho*. Rio de Janeiro: BangBang Filmes. 255 p.: il., fot..Miller, S. (2000). Introduction to manufacturing simulation. In *Proceedings of the2000 Winter Simulation Conference*, (pp. 63-66).Disponívelem: <http://www.informssim.org/wsc00papers/011.PDF>